

DIGITALIZAÇÃO E VIRTUALIZAÇÃO DO TEXTO

Katja Augusto
katja.augusto@hotmail.com
<http://lattes.cnpq.br/1456728333074919>

Ana Cristina Viana
ana.viana@infoglobo.com.br

Cátia Vasconcellos Marques
catiabiblo@yahoo.com.br

Diego Dacal Arsenio
diego.dacal@gmail.com

Francisco Aiello
faiello100@yahoo.com.br

Juliana Lisboa
julylisboa@gmail.com

Leonardo Caetano Lagden
leonardo.lagden@bp.com

RESUMO

Neste trabalho, examinaremos os autores Steven Johnson, com o livro “Cultura da Interface”, e Pierre Levy, com o livro “O que é virtual”, sobre o ponto de vista das várias transformações ocorridas na nossa maneira de criar e comunicar por meio das novas tecnologias e a importância do texto dentro delas. Entre várias consequências, a digitalização e a virtualização do texto não só permitiram a sua disponibilização a um maior número de pessoas, como também modificaram a relação pensamento/escrita. A idéia é mostrar a adaptação do homem e de seu texto à tecnologia. Como o usuário - leitor/receptor - analisa essa estrutura virtual e abstrata.

Palavras-chave: Digitalização, virtualização, tecnologia, texto.

DO TEXTO PRÉ-HISTÓRICO AO VIRTUAL

O surgimento da escrita sempre foi tido como um divisor de águas: segundo correntes historiográficas, marcou o fim de uma era a qual se

denominou pré-história. Tendo em vista que a escrita permitiu a elaboração de documentos, julgava-se que só a partir do contato com eles era possível ter um conhecimento sobre os acontecimentos e as civilizações anteriores. Entretanto, a despeito do uso, atualmente considera-se a expressão “pré-história” um tanto quanto negativa, já que pressupõe que os povos desse período, em virtude de não terem deixado textos para a posteridade, são vazios de história.

Dos pictogramas aos silabários; das escritas cuneiforme, da Mesopotâmia, e consonantal, do Egito, à proto-sinaítica; da escrita fenícia, com os 22 caracteres, aos alfabetos grego e romano, séculos se passaram para que chegássemos ao alfabeto atual (CAGLIARI). Paralelamente, o material no qual os textos eram escritos também foi submetido a um processo evolutivo. No começo, em pedra, argila, papiro etc.; mais tarde, em papel e livro. Este, por sua vez, num primeiro momento, era escrito à mão; depois, passou a ser impresso, graças à invenção das prensas móveis.

Hoje, apesar de ainda se escrever em papel, de se produzir, comprar e ler livros (na acepção original do termo), os textos foram transformados em bits e bytes. Ao converter em 0 e 1, isto é, em linguagem binária, a digitalização de qualquer tipo de documento, seja textual, imagético ou sonoro, não só facilita o seu acesso, como também o universaliza, a partir do momento em que está disponível na grande rede. Ademais, permite que a obra seja reproduzida sem que perca qualidade (FILHO, 2005, p.28). Por outro lado, esses mesmos mecanismos de reprodutibilidade técnica são alvo de críticas, pois proporcionam o plágio e, conseqüentemente, a violação de direitos autorais. Essa viagem pela história do surgimento da escrita e do desenvolvimento dos textos desembarca em uma discussão sobre o que é o virtual e como ele configura os textos hoje em dia.

DIGITALIZAÇÃO E VIRTUALIZAÇÃO DO TEXTO

Face à situação de instabilidade que caracteriza a transição para a era digital, importa refletir sobre qual a natureza do texto como forma de

Descobrimo Cientistas

comunicação nesse novo mundo; sobre as relações entre autores e leitores e, naturalmente, sobre a adaptação do homem e de seu texto à tecnologia.

De acordo com Pierre Lévy, “desde suas origens mesopotâmicas, o texto é um objeto virtual, abstrato, independente de um suporte específico”. Desta maneira, temos de compreender o virtual como algo independente de ser relativo ao mundo digital.

Não tocamos no virtual como tocamos em uma pedra, fugindo à nossa percepção tátil. Reafirmando, o virtual não atinge o nosso corpo como uma pedra, mas atinge a nossa mente, a nossa forma de pensar, de agir, e principalmente de sentir, somos influenciados por aquilo que está oculto, mesmo assim, o virtual não é falso, ele existe e produz efeito.

(...) é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se sem ter passado no entanto à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente. (LÉVY, 1996, p. 15)

Quando falamos em virtualização, não temos como deixar de pensar em vários sistemas rodando em uma máquina. Isso não deixa de ser um tipo de virtualização, a de *hardware*, mas também não é a única, talvez a mais perceptível. Para entendermos melhor o conceito de tecnologia, devemos traçar um paralelo entre o que é real e o que é virtual. Seguindo esse raciocínio, o real teria características concretas e físicas, já o virtual associa-se ao abstrato e à simulação. Dessa forma podemos definir a virtualização como a criação de um ambiente virtual que simula um ambiente real, utilizando diversos sistemas e aplicativos sem acesso físico ao servidor (máquinas) onde estão hospedados.

Quando alguém mergulha no mundo virtual está buscando o real através da simulação, desejando que a ficção traga a realidade. Podemos afirmar que o virtual é uma espécie de extensão da realidade, onde ações humanas, imagens, sons, sentimentos, ideias, etc. são projetados. Tudo que pertence ao real pertence ao virtual, porém o contrário já não se verifica; o virtual tem potência para se tornar real, mas não o é. Entretanto, segundo

Descobrimo Cientistas

Pierre Lévy, “o virtual não se opõe ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes”.

A virtualização chegou e suas vantagens são tão atrativas que não têm como ser resistidas. O desenvolvimento de novas tecnologias serve para corroborar o seu inevitável progresso. Uma de suas vantagens, como afirma Lévy, é o fato de se poder estar em vários lugares ao mesmo tempo. Os dois mundos – real e virtual – se completam.

Além das características técnicas, temos que encarar a virtualização como uma dissociação do pensamento com o texto. A partir do momento em que a subjetividade do ser humano começa a fazer parte do processo de linguagem e de escrita, a virtualidade passa a se fazer presente no modo de se interpretar e de se comunicar.

Com a chegada de novas tecnologias, o texto digital passou a ocupar um lugar de destaque nos processos comunicacionais da sociedade. Além disso, o modo como o ser humano se relaciona com o texto, seja pela interpretação ou pela maneira como ele o constrói, muda radicalmente. Para Steven Johnson, com o advento dos computadores, os autores puderam ter uma liberdade maior para criar, já que antes o texto precisava ser elaborado mentalmente para, só depois, ser escrito. Agora, com as ferramentas de correção, o pensamento e a digitação são quase simultâneos. Dessa maneira, a criatividade começou a ganhar um corpo maior. Esse pensamento também é compartilhado por Pierre Lévy, quando afirma que o suporte digital mudou a maneira de se ler e escrever.

Enfim, o suporte digital permite novos tipos de leituras (e de escritas) coletivas. Um *continuum* variado se estende assim entre a leitura individual de um texto preciso e a navegação em vastas redes digitais no interior das quais um grande número de pessoas anota, aumenta, conecta os textos uns aos outros por meio de ligações hipertextuais.

(LÉVY, 1996, p. 43)

Neste sentido, ao falarmos em virtualização do texto, deparamos com o tema trazido por Pierre Lévy: a leitura ou a atualização do texto. Segundo ele,

Descobrimos Cientistas

ao interpretar, ao dar sentido ao texto, o leitor leva adiante as atualizações fornecidas pelo mesmo. É certo que, ao lermos um texto, conectamos as informações ali contidas com a bagagem cultural pré-existente em nossa memória e esta é mais uma das funções do hipertexto. O hipertexto, texto contemporâneo, assume cada vez mais as características de um diálogo. Neste caso, os critérios, segundo Pierre Lévy, também mudam: pertinência em função do momento, dos leitores e dos lugares virtuais; brevidade, graças a possibilidade de apontar imediatamente as referências; e, por último, a eficiência, pois presta serviço ao leitor.

De fato, o hipertexto ocasionou “uma nova maneira de escrever e narrar” (JOHNSON, 2001, p. 84). O texto da grande rede passou de linear e finito a entrelaçado por muitos outros, tornando-o, assim, se não infinito, pelo menos muito mais extenso que o tradicional. Essa nova realidade é-nos proporcionada pelos elos ou vínculos – mais conhecidos por “links” – que nos encaminham para outras direções, diferentes da proposta inicial. A principal consequência, resultante desse fenômeno, está na perda de domínio do autor sobre o leitor, o qual não se pode afirmar que tenha sido literalmente invertido, mas, no mínimo, anulado. Por outras palavras, apesar do leitor/navegante da web poder comandar os destinos da sua leitura, acessar variados links, fragmentando, a destarte, o texto, não faz dele um autor propriamente dito, uma vez que ainda está limitado ao conteúdo já existente.

Contudo, há espaços em que a liberdade de produção de conteúdo pelo usuário da internet é plena. São eles os blogs, as redes de relacionamento e enciclopédias virtuais, como a Wikipédia, entre outros, que de certa forma exemplificam as potencialidades dos internautas diante do suporte digital. Falando da potencialização do texto, Pierre Lévy também é incisivo, quando diz que a digitalização e as novas formas de apresentação do texto só nos interessam porque dão acesso a outras maneiras de ler e compreender. Entretanto, Andrew Keen, em seu livro *O culto do amador*, alerta para a legitimidade das informações veiculadas por cidadãos comuns, uma vez que,

Descobrimo Cientistas

por não serem produzidas por especialistas, o compromisso com a verdade é falho.

Voltando à questão da propriedade intelectual, abordada logo no início, a digitalização e virtualização de documentos – desde artigos e livros até músicas e filmes etc. – não só tem causado prejuízos às editoras e, simultaneamente, aos próprios autores. A violação dos direitos autorais traz consequências graves no campo da ética, já que os plágios estão se tornando cada vez mais comuns (KEEN, 2009). Para Andrew Keen, a apropriação das palavras de outrem constitui crime de pirataria, neste caso, mais precisamente, pirataria digital, tendo em vista o ambiente da World Wide Web. Um fenômeno que está “destruindo nossa economia, cultura e valores” (KEEN, 2009: p. 3).

A leitura do futuro está sendo moldada também por novos equipamentos e pela necessidade de ampliar o acesso à informação com rapidez. Segundo o autor Steven Roger Fischer, os adolescentes que acessam o “texto” virtual em todas as suas variações, logo serão os adultos com habilidades e tecnologias muito mais sofisticadas e que determinarão o futuro próximo da leitura, o qual, ao que tudo indica, exigirá uma quantidade muito maior de leitura que em qualquer outro período. Sendo assim, estão surgindo fascinantes variações de leitura como: leitores digitais utilizados em bibliotecas para permitir que os usuários acessem livros e manuscritos raros do acervo por meio eletrônico e também o livro em suporte eletrônico (e-book).

O e-book pode ser lido na tela de um computador, de um laptop, ou de aparelhos chamados eBook Reader. A principal vantagem do e-book é a sua portabilidade e a sua atualização instantânea com downloads da internet. Como se encontra no formato digital, também pode ser transmitido rapidamente por meio da Internet. Se um leitor que se encontra no Japão, por exemplo, tiver interesse em adquirir um e-book vendido nos Estados Unidos ou no Brasil, pode fazer isso imediatamente e em alguns minutos estará lendo tranquilamente a nova aquisição. Ainda temos o Kindle, um aparelho que lê livros digitalizados com a vantagem de ser agradável, prático e fácil de ler,

corroborando com a ideia citada anteriormente, da exigência cada vez maior de leitura e conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Notamos as grandes mudanças das interfaces gráficas, mas o texto em sua essência não mudou muito nos últimos anos. A digitalização proporcionou que um mesmo texto esteja acessível em qualquer lugar do mundo e seja passível de alterações e contribuições a qualquer momento. Ele deixou de ter um suporte específico no momento em que está presente na grande rede mundial.

Na verdade, o destino dos estoques de informação existentes no nosso mundo globalizado não depende e não pode ser explicado apenas pelas tecnologias, já que eles se encontram inevitavelmente ligados às tendências e a sorte das sociedades de que fazem parte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. A origem do alfabeto. Disponível em: <<http://www.dalete.com.br/saber/origem.pdf>>. Acesso em: 10/10/2009.

FISHER, Steven Roger. *História da leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

KEEN, Andrew. *O culto do amador: como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2009.

JOHNSON, Steve. *Cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LÉVY, Pierre. *O que é o Virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

PRADO, C.; CAMINATI, F.; NOVAES, T. "Sinapse XXI: novos paradigmas em comunicação". In: FILHO, A. B.; CASTRO, C.; TOME, T. (orgs). *Mídias digitais*. São Paulo, Paulinas, 2005.

Descobrimo Cientistas



SOBRE OS AUTORES

Katja Pryscilla Cunha Martins Augusto Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Estácio de Sá (2008). Cursa pós-graduação em Mídias Digitais, na Universidade Estácio de Sá (previsão de formatura: 2010), e graduação em História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (previsão de formatura: 2012).

Ana Cristina Costa Tavares Viana possui graduação em Tecnologia em Processamento de Dados pela Uniabeu (2000) e cursa pós-graduação em Mídias Digitais, na Universidade Estácio de Sá com previsão de formatura em 2010.

Diego Dacal possui graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Universidade Estácio de Sá (2008). Cursa pós-graduação em Mídias Digitais na Universidade Estácio de Sá (previsão de formatura: 2010), e graduação em Estudos de Mídia, na Universidade Federal Fluminense (previsão de formatura: 2010)

Leonardo Caetano Lagden possui graduação em Engenharia Química pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2003). Graduado também pela Universidade Estácio de Sá (2008). Cursa pós-graduação em Mídias Digitais, na Universidade Estácio de Sá (previsão de formatura: 2010).